

## AS MULHERES DE GIOVANNI PONTANO

Prof. Dr. Francisco de Assis Florêncio (UERJ)

**RESUMO:** Com este trabalho, pretendemos trazer à luz a poesia amorosa de um dos mais célebres poetas neolatinos. Nascido em Cerreto di Spoleto, na Úmbria e educado em Perúgia, Giovanni Pontano (1429-1503) trabalhou na chancelaria real da Casa de Aragão, vindo a se tornar primeiro ministro, durante o governo do rei Fernando I. Embora na tenha se dedicado apenas à poesia amorosa, é sobre esta, por ora, que nossos comentários versarão. Estes comentários se baseiam em poemas endereçados às suas três musas inspiradoras: Fannia, Adriana e Stella. A primeira é o amor da juventude; a segunda, com quem se casou, o amor da fase madura e, a última, o amor de sua velhice. Seus versos são graciosos, fluentes e intensamente sensuais, cheios de paixão e afeto, principalmente aqueles dirigidos à sua esposa.

**Palavras-chave:** Giovanni Pontano, Renascimento, poesia amorosa.

### AUTOR E OBRA

Ao ser atraído a Nápoles pela vasta atividade humanística presente nesta cidade, Pontano passou a fazer parte do círculo neolatino do poeta Panormita (Antonio Becadelli) e logo passou a ser a figura principal na vida cultural de Nápoles, vindo a se tornar, após a morte de seu amigo Panormita, o líder do grupo literário conhecido por *Porticus Antoniani*. Mais tarde o grupo ficou conhecido como *Accademia Pontaniana*. A sua poesia foi profundamente afetada por seu casamento, ocorrido em 1461, com uma jovem de dezessete anos e de família nobre, a quem ele chamava em sua poesia de Ariadna, mas cujo nome de batismo era Adriana Sassone. Do período anterior ao seu casamento constam os poemas da obra *Parthenopeus*. O *De amore coniugali* contempla a sua vida familiar. A morte precoce de Ariadna, em 1490, marca o início de um período de desventuras que atormentaram o poeta até o fim de seus dias. Dentre elas, destacamos: a invasão francesa a Nápoles, em 1494; a perda do cargo de primeiro-ministro e a morte de seu filho Lúcio, em 1498. Apesar de todas estas *res adversae*, a sua atividade poética tornou-se mais intensa: a égloga *Meliseus*, os *Hendecasyllabi*, o *Eridanus*, que celebra seu amor outonal por uma jovem a quem ele chama de Stella, e a obra *De tumulis*, concluída em 1502. Os trabalhos poéticos mais longos de Pontano são os cinco livros sobre o poema astronômico *Urania* e os dois livros *De hortu*

*Hesperidum*, que versam sobre o cultivo de limoeiros. Tido já em seu tempo como um expoente da poesia neolatina italiana, veio a falecer em 1503.

## TEXTO I

### AD FANNIAM

Puella molli delicatior rosa: 1  
Quam vernus aer parturit:  
Dulcique rore Memnonis nigri parens  
Rigat suavi in hortulo:  
Quae mane primo roscidis cinctos foliis<sup>5</sup>  
Ornat nitentes ramulos:  
Vbi rubentem gemmeos scandens equos  
Phoebus peragrat aethera.  
Tunc languidi floris breve & moriens decus  
Comas reflectit lassulas. 10  
Mox prona nudo decidit cacumine  
Honorque tam brevis perit.  
Sic forma primis floret annis. Indecens  
Vbi senectus advenit.  
Heu languet oris aurei nitens color.  
Quod ruga turpis exarat.  
Perit comarum fulgor & frontis decus:  
Dentesque flavent candidi.  
Pectus papillis invenustum languidis  
Sinus recondet sordidus. 20  
Quod nunc eois lucidum gemmis nitet  
Tenuisque vestit fascia.  
Nullas amantis audies maesti preces:  
Duram querentis ianuam.  
Non certa lentis fixa cernes postibus  
Exclusi amantis munera.  
Sed sola noctes frigido cubans toro  
Nulli petita conteres.  
Quin hoc iuventae floridum atque dulce ver:

Brevemque florem carpimos.30  
Post lustra quinque iam senectus incipit  
Latensque surrepit modo.  
Quare meorum o aura suavis ignium  
Dies agamus candidos:  
Noctesque divae conteramus integras:  
Quae mane lucet Hesperus.

## TRADUÇÃO

### A FÂNIA

Jovem mais delicada do que a tenra flor que o ar primaveril trouxe à vida e a qual a mãe do negro Memnón rega com o doce orvalho em um agradável jardimzinho. Ela orna, ao amanhecer, os pequenos ramos brilhantes, cingidos com folhas orvalhadas, quando Febo, montado em seus brilhantes cavalos, atravessa o rubente céu. Então, a breve glória da lânguida flor, morrendo, deixa pender as pétalas cansadas. Em seguida, ela, já descendente, cai com a cabeça sem pétalas e tão breve honra perece. Do mesmo modo floresce, nos primeiros anos, a beleza. Quando, porém, a horrenda velhice chega ai! A reluzente cor de uma áurea face desaparece, pois a torpe ruga a marca. A glória dos cabelos e a beleza da fronte somem e os cândidos dentes tornam-se amarelados. Uma roupa sem encantos recobrirá o peito nada atrativo, com seios caídos, os quais agora resplandecem o brilho com joias orientais e aos quais cobre uma pequena faixa. Não ouvirás mais as súplicas de um amante triste que se queixa na tua inflexível porta. Não verás, também, grinaldas colocadas na tua imóvel porta, presente de um amante rejeitado; mas, sozinha, passarás as noites deitada em teu frio leito, sem que ninguém te procure. Por que não colhemos esta doce e florida primavera da juventude e sua breve flor. Depois dos vinte e cinco anos já a velhice se inicia e, sem que se perceba, avança neste instante. Por isso, ó suave brisa da minha paixão, passemos dias radiantes e percamos noites inteiras devotados à deusa que, pela manhã, brilha como a estrela da tarde.

## COMENTÁRIOS

Fânia, como já dissemos, é o amor primaveril do poeta e é celebrada na obra *Parthenopeus*, também conhecida por Amores.

No início do poema ele se dirige a ela em termos convencionais: o amor da juventude é comparado a uma rosa tanto no que diz respeito à beleza quanto no que se refere à efemeridade da delicada beleza. Só que essa flor não é uma qualquer, mas uma flor de primavera, estação que simboliza o renascer da natureza, o amor jovem e a beleza. Apesar da importância dessa flor, o vate, ao fazer a comparação, considera-a inferior, em ternura e beleza, à amada.

Encontramos no terceiro verso uma alusão mitológica. Nela estão presentes dois personagens: Aurora e Memnón. Aurora, deusa da manhã, casou-se com o mortal Titono, a quem fez imortal, porém sem parar de envelhecer. Já Memnón se tornou rei da Etiópia, daí o determinante *nigri*, e era filho de Aurora e Titono. Ele lutou a favor de Tróia e foi morto por Aquiles. Em seu funeral, a sua mãe o metamorfoseou em pássaro.

A partir do nono verso, a metáfora, que até então prevalecia, dá lugar a algo mais real, *verbum ad verbum*: os efeitos da velhice descritos de maneira explícita e cruel.

Do nono ao décimo segundo verso, ele descreve o rápido e passageiro encanto da flor.

A partir do décimo terceiro verso, faz-se, através da conjunção *sic*, a comparação entre a trajetória da flor e a da amada do poeta.

De maneira assustadora, o autor passa, a partir do verso seguinte, a descrever os percalços advindos da velhice. Até o verso dezoito, destaca-se a decadência física do ser humano, a qual, sem dó, também alcançará a Fânia. Merece destaque, no verso anterior, a concordância atrativa, uma vez que o verbo *perit*, embora tenha dois sujeitos, *comarum fulgor* e *frontis decus*, concorda apenas com o primeiro elemento.

Em seguida aparecem os artifícios utilizados pelas mulheres de idade avançada para esconder os efeitos da velhice: roupas pouco atrativas e joias, que chamam a atenção para si mesmas, desviando, assim, dos olhares mais críticos os defeitos decorrentes do tempo e da idade.

A sinonímia também era um recurso poético bastante apreciado pelos poetas renascentistas, como podemos perceber no emprego de *pectus* e *papillis*. Embora sinônimos, vale a pena fazer a distinção entre eles. O primeiro é um termo mais genérico, podendo, por isso, ter várias traduções: “peito”, “seio”, “coração”, “alma”,

“espírito”; já o segundo com certeza é de significado mais restrito e, na maioria das vezes, fazia referência ao gênero feminino, razão pela qual é traduzido como “mamilos”, “tetos”, “mamas”.

Ao recorrer ao adjetivo *duram*, o vate faz uso de uma hipálage, uma vez que “dura”, no sentido de “difícil”, “cruel com os amantes”, não é a porta e sim a musa.

Nos versos vinte e nove e trinta, o vate italiano convida sua musa a gozar de imediato os prazeres da vida, fazendo ecoar, assim, a *camena* clássica através das palavras de poeta Horácio: “Dum loquimur, fugerit invida aetas: carpe diem,...” (Ode XI, livro I)

O neutro plural *lustra*, origem do nosso “lustrô”, período de cinco anos, pode causar alguma dificuldade para aqueles que dão os primeiros passos na tradução latina. Assim, *lustra quinque* significa “cinco lustros”, a saber, vinte e cinco anos, idade em que, para a época, a mulher já era considerada velha para casar.

Os verbos *agamus* e *conteramus* apresentam certo grau de dificuldade na hora da tradução por dizerem praticamente a mesma coisa. Ambos se referem à passagem de tempo. A opção que fizemos por traduzir o primeiro por “percamos”, não significa dizer que o ato de passar as noites em claro seja uma atitude inútil, mas sim necessária e com um tempo determinado.

No último verso parece ocorrer uma incoerência: a estrela da manhã, na verdade, é *Lucifer* e não *Hesperus*, estrela da tarde. Isso ocorreu, provavelmente, para se evitar uma desagradável aliteração: “...lucet Lucifer.”

## TEXTO II

### AD STELLAM

Ad coenam me Stella vocas & gaudia lecti.

Mensa mihi posita est: compositusque torus.

Ipsa ministrabis simul & simul ipsa recumbes:

Et dabis in medio basia multa mero.

Coena placet. Venio. Ponam sed foedera lecti:5

Me tua coena iuvat. Tu mea pacta proba.

Prima cuba: nec nuda tamen: tenuissima sed te

Tela teget: Cyprio tela liquore madens.

Ipse sequar. Tu me amplexu placidissima blando

Excipe: & in tepido (qua potes) abde sinu.10

Oscula mox iunges cupidas imitata colombas:  
Oscula non uno continuata modo.  
Muta venus mihi nulla placet. Suspiria misce:  
Aptaque lascivis garrula verba iocis.  
Neo manu officio desit: manus aemula linguae est:  
Haec tactu venerem suscitatur: illa sono.  
Gaudia Amor probat haec: verum si rixa sequatur:  
Quam dens: quamve aliquid moverit ausa manus.  
Auctor ero rixae. Tu mox offensa quereris:  
Vnguibus & scindes pectora nostra tuis.<sup>20</sup>  
Scindam ego tunc tunicam: subducta & veste papillas  
Nuda eris: & nullo tegmine bella geres.  
Ipsa manum collo iniicies: super ipsa recumbes:  
Verbera & ipsa dabis: verbera & ipsa feres.  
Dente petes. Ego dente petam. Demorsa dolebis:  
Ipse querar: lacrimae prona per ora cadente.  
Tum supplex veniam gratia cum pace rogabo:  
Ipsa dabis : simul & basia multa dabis.  
Basia multa dabo: iungam quoque munera pacis:  
Munera complexo ter repetita sinu.<sup>30</sup>  
Hoc est pacis opus: sunt haec sua foedera lecti.  
Subscribas. Per me nulla futura mora est.

## TRADUÇÃO

### A ESTELA

Tu, Estela, me chamas para a ceia e para os prazeres do leito. A mesa foi posta para mim e a cama foi arrumada. Tu mesma não apenas servirás, mas também te deitarás e me darás, em meio ao vinho, muitos beijos. A ceia me agrada. Venho, mas darei as regras do leito. A tua ceia me ajuda. Aprova, agora, tu as minhas regras. Deita Primeiro, mas não nua; que te cubra, porém, um finíssimo tecido, tecido umedecido com o perfume de Chipre. Eu te seguirei. Toma-me, amabilissimamente, em um brando abraço e esconde-me (como quiseses) em teu ardente peito. Em seguida me beijarás à imitação de pombas apaixonadas. Beijos não repetidos de um único modo. O amor

mudo não me agrada. Mistura suspiros e palavras indiscretas, que são próprias para jogos lascivos. Não deixe que a mão falte com suas obrigações; a mão é a rival da língua: aquela suscita o amor por meio do toque; esta, por meio do som. O Amor aprova estes prazeres, mas se uma rixa se segue, que um dente ou que uma mão ousada venha a se mover de outro modo, eu serei o autor da rixa; tu, ofendida, queixar-te-ás. Arranharás o meu peito com tuas unhas e eu, então, rasgarei o teu vestido. Tiradas as tuas roupas, ficarás com os peitos nus e, sem nenhuma vestimenta, começarás a guerra. Colocarás a mão ao redor do meu pescoço e te deitarás sobre mim e tu mesma darás e receberás tapinhas. Tu atacarás com os dentes e eu também atacarei com os dentes. Mordida, sentirás dor, eu também me queixarei: lágrimas escorrerão pelas nossas faces inclinadas. Então, na companhia de uma agradável paz, rogarei, suplicante, o teu perdão; Tu o concederás ao mesmo tempo em que me darás muitos beijos. Dar-te-ei muitos beijos e juntarei a eles presentes de paz; presentes três vezes repetidos em um abraço apertado. Este é o trabalho da paz. Estas são as regras do leito. Subscreve-as. No que me diz respeito, não haverá nenhuma demora.

## COMENTÁRIOS

Amor da sua velhice, Estela era uma jovem oriunda de Argenta, sítio próximo a Ferrara. Percebe-se, nos poemas a ela endereçados, um tom saudosista por parte do poeta, o qual, ainda que se apresente sempre de forma realista, ou seja, como um homem idoso, recorre à juventude da moça para revigorar os seus desejos e a sua paixão. A maior qualidade literária dos poemas dirigidos a Estela reside no fato de que eles seguem os modelos clássicos muito mais de perto do que aqueles endereçados à esposa.

De cunho claramente erótico, este poema revela um momento de intimidade entre o enunciador e o ser amado.

É interessante notar aqui o imaginário masculino, que se excita mais pela visão do que por qualquer outro sentido, fazendo-se representar pelo emprego do sintagma “tenuíssima tela”, o que seria, para nós hoje, *mutatis mutandi*, um tipo de *lingerie*.

Chipre era famosa no mundo antigo não só pela fabricação mas também pela qualidade de seus perfumes.

No verso dezesseis vale a pena destacar o paralelismo sintático “Haec tactu Venerem suscitavit; illa sono”; no qual os dois primeiros elementos das duas orações se equivalem e *Venerem* e *suscitavit* ficam subentendidos na segunda.

Do verso vinte ao vinte e cinco, temos a impressão de que estamos assistindo a uma cena sadomasoquista, representada não apenas pela presença da construção “bella geres”, mas principalmente por todo o teor semântico contido nos verbos “scindes” e “scindam”; no substantivo “verbera” e nas construções “Dente petes” e “ego dente petam”.

O verbo *scindere* aparece nos versos vinte e vinte um. A sua tradução, porém, está condicionada ao contexto. Na primeira ocorrência, por se tratar de pele, preferimos traduzir como “arranhar”; na segunda aparição, optamos por “rasgar”, uma vez que se trata de tecido.

### TEXTO III

#### AD VXOREM

Natalem Domini sine me: Ianique calendas:

Et sine me Regum tempora tristis agis:

Tristis & in templis ad publica munera perstas:

Tristis & a templo cum petis ipsa domum:

Illic te absentis torquent monumenta mariti:5

Ante tuos oculos quae tibi multa iacent.

Illic desertusque torus succurrit amanti:

Quaeque vacat viduo sponda relicata loco.

Ingeminat tum corde dolor: crudescit & acre

Vulnus & ipsa super lapsa dolore cadis.10

Non soror & geminae longo molimine natae:

Vix revocat lacrimis qui tibi natus adest.

Iam coniunx iam parce novis Ariadna querelis.

Non te nunc primum contigit iste dolor.

A teneris eadem mira virtute tulisti:

Matronae & laudes ipsa puella refers.

Difficile est tolerare: tamen laus omnis in hoc est

Et labor assuetis mollior esse solet.

O non sic aliis tua nota exempla puellis:

Servandique tori facta magistra fores.20

Digna quidem amplexuque frui: thalamoque mariti:

Gaudiaque assueto continuare toro.

Virtutem sed dura probant. Hinc fama pudicis.  
Hinc meruit nomen Penelopea suum.  
In pretio sunt rara. Nihil virtute sed ipsa  
Rarius. Haec superis nos facit esse pares.  
Iam coniunx laetare. Nihil nam mente pudica  
Rarius. Haec superos in sua vota trahit.  
Sed tibi nec monitore opus: officiumque maritae  
Exigis & per te munera matris obis.<sup>30</sup>  
Cum Domini natalis adest: laetare: tibi que  
Si non vis: natis optima parce tuis.  
Mane simul geminis comitata operare puellis:  
Et tibi placatos iusta precare deos.  
Sint nato: sint vota viro rata. Ponat iniquum<sup>35</sup>  
Mars odium & redeat pacis alumna quies.  
Di faciles. Tu iusta petis. Imaque auguror ipsum  
Annuerere & capitis signa dedisse Iovem.

## TRADUÇÃO

### À ESPOSA

Triste, passarás sem mim o Natal do Senhor, as Calendas de Jano e o dia de Reis; triste, permaneces nos templos para os serviços públicos e quando, triste, fores da igreja para casa, ali te atormentam as lembranças do marido ausente e as muitas coisas que estão diante dos teus olhos. Ali, a cama vazia socorre a amante e a cama abandonada que está vazia no lugar destinado ao marido. Então a dor redobra em teu coração, a profunda ferida aumenta mais e mais e tu mesma caís sobre um desgosto profundo. Apesar do grande esforço, nem tua irmã, nem tuas duas filhas afastam-te das lágrimas, apenas o teu filho que está aí. Agora esposa, agora Adriana, chega de novas queixas. Esta dor não te tocou agora pela primeira vez. Desde jovem tu tens suportado estas coisas com admirável força e tu, essa mesma jovem, recebes as honras de uma matrona. É difícil suportar, mas toda a honra consiste nisso e a privação costuma ser mais branda para os que estão acostumados. Oh! Não é assim que o teu exemplo ficou

conhecido entre outras jovens e te tornaste mestre em como preservar o leito. Digna, com certeza, de usufruir do abraço e do leito nupcial do teu marido e de continuar os prazeres no leito habitual. Mas as dificuldades provam a virtude. Por isso os puros tem sua fama e, por isso, Penélope mereceu sua reputação. As coisas raras valem muito, mas nada é mais raro do que a própria virtude. Ela faz com que sejamos iguais aos deuses. Alegra-te agora, minha esposa, pois nada é mais raro do que um coração puro. Ele leva os deuses às suas preces. Mas não te é necessário nenhum conselheiro; tu cumpres as obrigações de esposa e, por ti mesma, executas a função de mãe. Quando o Natal chegar, alegra-te e, se não quiseres por tua causa, ó excelente, celebra por teus filhos. Pela manhã, acompanhada das tuas duas filhas, faze, ao mesmo tempo, os ritos sagrados e invoca os deuses benévolos para contigo com justiça. Que as tuas preces para teu filho e teu marido sejam ouvidas e que Marte ponha de lado o seu iníquo ódio e que a tranquilidade, aluna da paz, volte. Os deuses são propícios. Com justiça, tu pedes e agora eu predico que o próprio Júpiter aprova e tem dado um sinal da cabeça.

## COMENTÁRIOS

Saudoso, como se fosse o próprio Ulisses, o poeta canta aqui as virtudes de sua esposa.

Este poema, oriundo do *De amore coniugali liber tertius*, foi escrito por volta do Natal de 1483, quando Pontano estava em campanha com o duque da Calábria, na guerra de Ferrara, na qual Nápoles, Florença e Milão vieram em socorro a Ferrara, que fora atacada pelas forças de Veneza.

Seguindo o vocabulário clássico, Pontano, para falar do ano novo, emprega *Calendas Jani*, uma referência ao deus Jano e, conseqüentemente, ao mês a ele consagrado, janeiro.

A repetição de *tristis* nos versos dois, três e quatro deixa bem claro o estado de espírito de Ariadna.

Ariadna, que faleceu em 1490, deu à luz um filho, Lúcio, que veio a falecer em 1498, e a três filhas. O texto deixa claro que até então a filha caçula ainda não havia nascido.

Ao dizer, no verso vinte e três, que “*Virtutem sed dura probant*”, o poeta faz uma clara alusão à celebre sentença de *Publilius Syrus*: “*Ignis probat aurum, miseriae fortem probant.*”

Apesar de implicitamente o vate já vir trabalhando a ideia de que em termos de fidelidade nenhuma mulher pode ser comparada a sua, é só no verso vinte e quatro que isto vai ficar explícito. Isso se dá no momento em que ele resolve compará-la a Penélope, a qual, como se sabe, ficou renomada pela fidelidade ao marido Ulisses durante os longos anos de ausência deste.

Nos versos trinta e cinco e trinta e seis predomina o presente do subjuntivo, que serve para expressar os desejos do coração do poeta.

Ao fazer referência a Marte, o autor expõe o problema que o mantém longe de casa e da família, a guerra.

## **BIBLIOGRAFIA**

HORATIUS. *Carmina*. Online; disponível na internet via <http://www.thelatinlibrary.com/>

NICHOLS, Fred J. *An Anthology of Neo-latin Poetry*. New Haven and London: Yale University Press, 1979.

PONTANO, Giovanni Giovano. *Baiae*. Trad. de Rodney G. Dennis. USA: Harvard University Press, 2006.

SMITH, William & LOCKWOOD, John. *Chambers Murray Latin-English Dictionary*. Great Britain: Cambridge University Press, 1997.

SYRUS, Publilius. *Sententiae*. Online; disponível na internet via <http://www.thelatinlibrary.com/>